

O INCONSCIENTE NAS OBRAS DE A. N. LEONTIEV

Mariana Abram Rocha dos SANTOS¹

João Henrique ROSSLER²

Resumo

O artigo tem como objetivo investigar o conceito de inconsciente para a Psicologia Histórico-Cultural, por meio da análise teórico conceitual sobre o tema na obra de A. N. Leontiev. Para o autor, o que não é reconhecido ou compreendido pelo sujeito não é separado da consciência, apenas apresenta uma diferença de qualidade do reflexo no psiquismo. Foram analisadas quatro classes de fenômenos abordados por Leontiev, que remetem às manifestações inconscientes do reflexo psíquico. A saber, 1) o campo da percepção e o campo da consciência: a estreiteza da consciência; 2) a estrutura da atividade e os motivos inconscientes; 3) as operações e automatizações; e 4) a relação entre sentidos e significados: os problemas de consciência. Verificou-se que Leontiev traz importantes contribuições para a compreensão do inconsciente, especialmente considerando-se as formulações de sua teoria da atividade, no bojo da qual se constata que o movimento da estrutura da atividade mobiliza a própria dinâmica consciente-inconsciente do psiquismo.

Palavras-chave: Inconsciente; Consciência; Psicologia Histórico-Cultural; Leontiev; Teoria da Atividade.

1

THE UNCONSCIOUS IN A. N. LEONTIEV'S THEORY

Abstract

The article aims to investigate the concept of the unconscious for Historical-Cultural Psychology, through a theoretical-conceptual analysis of the subject in the work of A. N. Leontiev. For the author, what is not recognized or understood by the subject is not separate from consciousness but merely presents a difference in the quality of the reflection in the psyche. Four classes of phenomena were analyzed, which refer to unconscious manifestations of the psychic reflection. Namely, 1) the field of perception and the field of consciousness: the narrowness of consciousness; 2) the structure of activity and unconscious motives; 3) operations and automations; and 4) the relationship between senses and meanings: the problems of consciousness. It was found that Leontiev brings important contributions to the understanding of the unconscious, considering his formulations of theory of activity, which emphasizes how the movement of the activity structure mobilizes the dynamic between the conscious and unconscious aspects of the psyche.

Keywords: Unconscious; Consciousness; Historical-Cultural Psychology; Leontiev; Activity Theory.

¹ Universidade Federal do Paraná (UFPR), Curitiba, PR, Brasil. E-mail: mariana.abram@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0009-0003-1551-8312>

² Universidade Federal do Paraná (UFPR), Curitiba, PR, Brasil. E-mail: jhrossler@ufpr.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1639-6292>

EL INCONSCIENTE EN LAS OBRAS DE A. N. LEONTIEV

Resumen

El artículo investiga el concepto de inconsciente en la Psicología Histórico-Cultural, analizando la obra de A. N. Leontiev. Según el autor, lo que no es reconocido o comprendido por el sujeto no está separado de la conciencia, sino que presenta una diferencia en la calidad del reflejo psíquico. Se analizaron clases de fenómenos relacionados con el inconsciente. Es decir, 1) el campo de la percepción y el campo de la conciencia: la estrechez de la conciencia; 2) la estructura de la actividad y los motivos inconscientes; 3) operaciones y automatización; y 4) la relación entre sentidos y significados: los problemas de la conciencia. Se concluye que Leontiev ofrece valiosas contribuciones a la comprensión del inconsciente, especialmente a través de su teoría de la actividad, en la cual se encuentra que el movimiento de la estructura de la actividad moviliza la dinámica consciente-inconsciente de la propia psique.

Palabras-clave: Inconsciente; Conciencia; Psicología histórico-cultural; Leontiev; Teoría de la actividad.

INTRODUÇÃO

A proposta do presente artigo é avançar nas investigações acerca do conceito de inconsciente³ na Psicologia Histórico-Cultural (PHC). Para tanto, tem como objetivo principal buscar elementos teórico-conceituais na obra de A. N. Leontiev, que possam contribuir com o entendimento dos processos psíquicos inconscientes no interior da dinâmica do psiquismo humano.

Alexis Nikolaevich Leontiev nasceu em 1903, em Moscou, e lá faleceu em 1979, tendo vivido na Rússia pós-revolucionária socialista. Junto de outros proeminentes psicólogos soviéticos – destacadamente Lev Vigotski e Aleksandr Luria, conhecidos como a *troika* – buscou ao longo de sua vida contribuir para a construção de uma nova psicologia, de base marxista⁴, científica, que superasse as abordagens idealistas ou materialistas mecânicas até então predominantes na psicologia. Ao lado destes e outros autores, funda as bases para a

³ No presente trabalho faremos uso da palavra *inconsciente* para designar tanto os processos compreendidos como *inconscientes* quanto aqueles compreendidos como *não conscientes*. Acerca dessas diferentes denominações, autoras como Silva (2022) e Aita (2014) propõem uma classificação distinta para estes fenômenos. Em razão dos limites deste estudo, não é nossa intenção aprofundar a diferenciação proposta pelas autoras, ainda que se reconheça a importância e validade de suas análises. Ressalta-se ainda que ambos os termos foram encontrados por nós nas obras de Leontiev, sem que identificássemos, contudo, uma clara distinção entre eles proposta pelo autor. Assim, a opção pelo uso do termo *inconsciente* deu-se em função da maior disseminação do termo no campo científico e no uso corrente para designar os conteúdos e processos alheios à consciência.

⁴ Referimo-nos aqui ao marxismo como o aporte teórico-prático formulado a partir das contribuições filosóficas, econômicas, políticas e sociais de Karl Marx (1818-1883) e Friedrich Engels (1820-1895).

PHC, a qual, alicerçada no referencial teórico-metodológico do materialismo histórico-dialético, postula a natureza social e histórica do psiquismo humano (Golder, 2004; Longarezi & Puentes, 2013).

Inúmeras são as contribuições científicas de Leontiev nas áreas da psicologia. Seu mais destacado legado, contudo, reside em sua Teoria da Atividade, na qual o psicólogo soviético apresenta a atividade humana como a unidade de análise fundamental do desenvolvimento do psiquismo humano, da consciência e da personalidade (Golder, 2004). Silva (2022) salienta que Leontiev não chegou a abordar os processos psíquicos inconscientes de forma específica e detalhada ao longo de sua obra, mas que o tema tampouco foi por ele negligenciado, despontando em diversos momentos de várias de suas produções teóricas.

Embora o estudo das dimensões consciente e inconsciente do psiquismo humano estejam nas próprias origens da psicologia enquanto ciência, de fato, poucas são ainda as investigações a respeito do inconsciente na PHC (Martins, 2016). Segundo Silva (2022), são poucas ainda as pesquisas, no campo da PHC, que tratam de temas da psicologia que se relacionam com o psiquismo, mas que não fazem parte da consciência em si, sendo mais comuns nesta abordagem as investigações voltadas ao estudo dos processos conscientes ou daqueles que possibilitam a sua formação, como as funções psíquicas, a atividade e a personalidade.

Vale destacar, contudo, um notório crescimento de produções sobre o tema no país nos últimos anos; todos eles, ainda assim, apontando para a necessidade de maiores investigações sobre o inconsciente a partir da PHC e de seus autores⁵. Ressalte-se, além disso, que a maioria dos estudos realizados tiveram como foco de investigação a obra vigotskiana, pelo que se verifica uma pendência investigativa ainda maior na literatura nacional no que respeita à compreensão de Leontiev sobre o tema.

Martins (2016), ao realizar a análise sistêmica dos fenômenos psíquicos, apresenta a concepção histórico-dialética acerca da dinâmica consciente/inconsciente a partir da PHC. Destaca o enfoque unitário conferido por Vigotski e seguidores ao psiquismo humano, no qual estas dimensões são compreendidas como polos opostos, no entanto, interiores um ou outro.

A autora enfatiza que a formação do reflexo psíquico é repleta de lacunas e descontinuidades e que, nesse processo, são inúmeras as influências inconscientes – de forma que nenhuma vivência é plenamente consciente, nem tampouco plenamente inconsciente. Nesse sentido, Martins (2016) afirma que a consciência não é um *locus* do psiquismo, mas uma qualidade dos processos psicológicos, e a dinâmica entre os polos consciente e inconsciente se dá como em um *continuum* de consciência, uma unidade correlacional entre o que é ou não consciente.

O que define o grau de consciência ou inconsciência do reflexo psíquico, esclarece Martins (2016), é o grau de percepção, atenção e memória do sujeito; e, sobretudo, a qualidade de sua representação conceitual e tonicidade afetiva em relação ao fenômeno

⁵ Neste sentido, verificar: Aita (2014), Pessanha (2015), Santos (2015) e Silva (2022).

refletido, estruturados nas relações concretas do sujeito. Sobre os fenômenos inconscientes, a autora conclui, em sua análise, que “o psiquismo humano não se limita à sua vertente consciente, por isso, é lícito considerar que o inconsciente é potencialmente consciente e vice-versa” (Martins, 2016, p. 688).

Tais conclusões acerca do inconsciente são corroboradas por Aita (2014), que, ao investigar o conceito de inconsciente em Vigotski, realiza também incursões em alguns textos de Leontiev e Luria na busca por compreender este fenômeno. Nos resultados por ela encontrados, os processos psíquicos não conscientes podem ser compreendidos como processos psicofisiológicos atrelados às funções cerebrais humanas, uma tendência da atividade da própria consciência, “diretamente relacionados com a atividade do sujeito, com seus processos de pensamento, com a estrutura semântica e sistêmica da consciência” (Aita, 2014, p. 140).

Assim é que, segundo esta autora, os conteúdos não conscientes provêm das relações sociais, da atividade do sujeito em sua vida; e, também, das formações ideológicas, socialmente construídas e internalizadas dessa realidade, marcadas pelos processos de alienação. Aita (2014) ressalta ainda que, para Vigotski, o que se torna não consciente são os motivos da ação (o seu *porquê*), e não seu comportamento, de forma que o processo de conscientização dos conteúdos não conscientes perpassa pelo controle voluntário do comportamento, do desenvolvimento do pensamento teórico e do pensamento dialético, que possibilita a compreensão da realidade objetiva e de si mesmo, possibilitando a autoconsciência.

Silva (2022), ao realizar pesquisa de pós-doutorado sobre o inconsciente e adoecimento psíquico na psicologia soviética, chega também a conclusões próximas das autoras citadas. Afirma que os processos conscientes e não conscientes mantêm uma relação de multideterminação, e que tal relação nem sempre se manifesta de forma antagônica – diferentemente do que propõem teorias psicológicas tradicionais –, mas sim que se articulam ora em sinergia, ora em antagonismo, em uma relação fluida e não estanque. E reforça, assim, a compreensão já expressa de que os conteúdos inconscientes podem tornar-se conscientes, tanto quanto o seu oposto.

Com isso, ressalta que o inconsciente não é o lado negativo do psiquismo que precisa ser superado. Ao contrário, abarca, muitas vezes, conteúdos tais como os comportamentos automatizados e os sonhos, cuja qualidade inconsciente é importante para o funcionamento do psiquismo e para a realização dos fins de uma dada ação. Em síntese, Silva (2022) sinaliza que, tal como apontou Asmolov (1981), é possível afirmar que a fusão do indivíduo e do mundo no reflexo psíquico pode ser um aspecto em comum dos conteúdos inconscientes.

Ao analisar a temática do inconsciente na teoria da atividade de Leontiev, Silva (2022) relata que, para o psicólogo soviético, o reflexo psíquico consciente não é a única forma possível de refletir a realidade, ou seja, nem tudo o que está no psiquismo é consciente. Isso porque, para o autor, ser consciente é diferente de conhecer ou ter a compreensão de um

dado fenômeno. Pelo que se depreende que os conteúdos inconscientes não são separados da consciência, e sim se relacionam com ela de um modo diferente (Silva, 2022).

Como afirmado anteriormente, embora as pesquisas sobre a temática do inconsciente no campo da PHC tenham ganhado força na última década no país, novas investigações ainda são necessárias. Desse modo, o presente estudo busca contribuir com essas pesquisas e, para tanto, visou avançar no entendimento do fenômeno do inconsciente na PHC a partir, especificamente, das obras de Leontiev. Importa destacar que a seleção e organização dos textos que compõem o *corpus* de análise da pesquisa limitou-se às obras conhecidas do autor (textos de que se têm notícia), respeitando as barreiras linguísticas dos materiais já publicados. Em prática, foram selecionados os textos traduzidos e disponibilizados em português, espanhol e inglês; nesta última língua, especificamente os textos encontrados no periódico “The Journal of Russian and East European Psychology”⁶. Das obras consultadas, foram referenciadas e citadas aqui apenas aquelas que apresentaram conteúdo relevante para a análise e discussão da temática consciente/inconsciente.

De caráter teórico-conceitual, essa investigação percorre três momentos distintos. Inicialmente, realiza uma breve apresentação da teoria da atividade na obra de Leontiev. Em seguida, analisa algumas formulações introdutórias a respeito dos reflexos psíquicos conscientes e inconscientes na teoria deste autor. Por fim, apresenta os resultados encontrados ao longo da investigação, os quais foram sistematizados em quatro tópicos articulados, correspondentes a quatro classes de fenômenos que expressam determinadas formas de manifestação dos reflexos psíquicos de tipo inconsciente. A saber, 1) o campo da percepção e o campo da consciência: a estreiteza da consciência; 2) a estrutura da atividade e os motivos inconscientes; 3) operações e automatizações; e, por fim, 4) a relação entre sentidos e significados: os problemas de consciência.

A sistematização proposta para apresentação dos resultados operou-se a partir da análise teórica dos textos selecionados, por meio da qual foram abstraídos e rearticulados os elementos conceituais pertinentes ao entendimento do problema da relação consciente/inconsciente em Leontiev, reapresentando-os por meio de sínteses explicativas, capazes de refletir no e pelo pensamento as classes de fenômenos acima citadas. Esse processo analítico-sintético teve como eixo norteador as principais categorias de análise propostas pelo próprio autor russo, quais sejam, consciência e sua relação com o tecido sensorial, sentido e significado, bem como atividade, ações, operações e motivos.

A teoria da atividade de Leontiev

Propomos partir da concepção de consciência em Leontiev para compreender os aspectos inconscientes do psiquismo, pelo que se pressupõe a necessidade de compreender

⁶ Um panorama sistematizado das obras de Leontiev encontradas nestes idiomas pode ser consultado no livro “Leontiev e a Natureza Social do Psiquismo”, de Rhayane Lourenço da Silva, publicado em 2022.

também o conceito e a centralidade da atividade em sua teoria, bem como a relação desta com a consciência e a personalidade, considerada por muitos a elaboração central de sua vida e obra.

Leontiev (1978/2004a), em colaboração com demais autores da PHC, desenvolve como formulação fundamental da psicologia científica a ideia de que é a atividade a categoria fundamental na compreensão do psiquismo ao longo da escala evolutiva dos seres vivos. Nos seres humanos, portanto, é a atividade humana, o trabalho social, que possibilita e caracteriza o reflexo psíquico tipicamente humano, o reflexo psíquico consciente.

O autor postula que a formação e desenvolvimento do psiquismo humano possui estreita relação com a atividade – material ou simbólica - dos sujeitos no mundo, que demarca o seu intercâmbio com a realidade objetiva e consigo mesmo. Por atividade, o autor entende, portanto, a unidade da vida, no sentido de que é por meio dela que ocorrem as transições recíprocas entre os polos sujeito-objeto, no qual o ser humano realiza suas relações com o mundo e com o gênero humano para satisfazer suas necessidades - processo este mediado pelo reflexo psíquico consciente, que orienta o sujeito no mundo objetivo (Leontiev, 1978/2004a, 1978/2021).

Leontiev (1978/2021) ressalta, assim, que a atividade se realiza através da mediação do reflexo psíquico consciente, ao mesmo tempo em que o engendra: enquanto a atividade pressupõe a orientação a um fim consciente, a consciência só se produz na atividade. É a partir da atividade, das relações reais do sujeito com o mundo, que este produz a imagem subjetiva da realidade objetiva; apropria-se, fixa e estabiliza o conteúdo objetivo na forma ideal, seu reflexo subjetivo. Nesse processo, o ser humano transforma a natureza e, concomitantemente, transforma a si mesmo. Considerando a unidade atividade-consciência, constata-se que a análise da consciência – bem como dos processos inconscientes – pressupõe a compreensão da estrutura da atividade, seus componentes e movimento.

Ao analisar a atividade humana, seja ela interna ou externa, Leontiev (2005c, 2005d) destaca que o motivo⁷ é aquilo que a impulsiona e mobiliza: trata-se do encontro da necessidade humana com o objeto (material ou ideal) que a satisfaz. Tendo em vista que a mera experiência de uma necessidade não é capaz, por si só, de mobilizar a atividade – manifesta-se para o sujeito apenas como uma tendência – é o encontro desta com o seu objeto (aquilo que lhe satisfaz) que verdadeiramente a orienta, revelando seu motivo. Na medida em que a atividade se complexifica, este processo se inverte, de forma que a necessidade deixa de ser condição da atividade e torna-se seu produto, fenômeno já apontado por Marx e Engels (1845/2007) ao se referir ao caráter histórico e social de produção das necessidades humanas.

⁷ O autor apresenta algumas classificações para os tipos de motivos, sendo a mais relevante delas a diferenciação entre motivos geradores de sentido e motivos estímulo: os primeiros, ao impulsionarem a atividade, dotam-na de sentido pessoal para o sujeito; enquanto os segundos não possuem essa qualidade, servindo apenas de estímulo à atividade. Ambos os tipos, salienta, são importantes e cumprem funções fundamentais para a efetiva concretização da atividade.

Leontiev (1972/2009, 1978/2021) é categórico ao afirmar que a atividade é sempre motivada, em verdade, é sempre polimotivada, de forma que os diferentes motivos se organizam hierarquicamente na estrutura da atividade do sujeito, o que determina, por sua vez, a própria hierarquia de atividades que o sujeito realiza. Para o autor, uma atividade aparentemente imotivada expressa apenas que o motivo está oculto para o sujeito, e salienta que mesmo nesta condição o motivo mantém sua determinação, seu caráter mobilizador sobre a vida e a atividade.

A atividade apresenta uma estrutura dinâmica, composta e realizada através de ações, cujos fins imediatos não se identificam, necessariamente, com o motivo da atividade à qual se subordina, motivo este que verdadeiramente impulsiona as ações. As ações, assim, realizam objetivos parciais que compõem a atividade, os quais, ainda que diferenciados dos objetivos gerais da ação, mantêm uma ligação com seus motivos, ou seja, realizam uma finalidade consciente. Têm-se, portanto, que o motivo da atividade, para Leontiev (1972/2009), pode ser oculto ao sujeito; enquanto o objetivo da ação, que é teleologicamente orientada, é sempre consciente.

As ações, por sua vez, são realizadas por operações, que dizem respeito ao seu modo de execução, às técnicas e condições concretamente disponíveis para sua operacionalização. As operações se originam preponderantemente de ações conscientes: na medida em que o sujeito repete e aperfeiçoa suas ações, estas tendem a subordinar-se a outras ações, convertendo-se, assim, em operações, em modos de execução desta nova ação (Leontiev, 1972/2009).

Leontiev (1972/2009) deixa claro que atividades, ações e operações compõem uma estrutura complexa e dinâmica da atividade do sujeito, marcada pela independência relativa entre seus componentes. Assim é que uma ação pode ligar-se a diversas atividades, o motivo de uma atividade impulsionar múltiplas ações, bem como que atividades podem transformar-se em ações, ações em operações, ações em atividades, entre outros movimentos, conformando em cada sujeito um complexo sistema de atividade.

Sendo a atividade o processo que medeia as transições sujeito-objeto, é através dela que o sujeito entra em contato prático com o mundo, contrai relações sociais e extrai, subjetivamente, a realidade objetiva que forma o substrato do reflexo psíquico consciente. Consciência, segundo Leontiev (1978/2021), é o movimento interno especial engendrado pela atividade humana, e tem como formadores internos de sua estrutura o tecido sensorial, significado social e o sentido pessoal.

O tecido sensorial da consciência diz respeito ao conteúdo objetal percebido sensorialmente pelo sujeito na formação do reflexo psíquico, o substrato objetivo da realidade a partir do qual se forma a imagem subjetiva. Trata-se das propriedades objetivas do mundo, que conferem um senso de realidade ao quadro consciente formado pelo sujeito, e a partir do qual ele consegue diferenciar a realidade objetiva da sua percepção subjetiva, de si mesmo (Leontiev, 1978/2021).

Segundo Leontiev (1978/2021), as imagens sensoriais adquirem na consciência uma nova qualidade, a sua significação. Os significados constituem os mais importantes formadores da consciência, na medida em que expressam, de forma ideal, a síntese histórica das práticas humanas já objetivadas e fixadas no amplo corpo de ideias e conceitos elaborados socialmente. Conformam, assim, a consciência social humana, um sistema objetivo, supraindividual, o qual o indivíduo encontra já formado na sociedade e do qual ele se apropria por meio da linguagem⁸. Destaca, porém, que não se trata de um sistema rígido, vez que admite contribuições individuais e se enriquece ao longo do tempo, mas carrega certa estabilidade (Leontiev, 1978/2004a, 1978/2021).

Leontiev (2005b, 1978/2021) destaca que os significados não caracterizam por si só um objeto de estudo da psicologia, e apenas quando analisados à luz da consciência individual é que adquirem relevância psicológica. Trata-se da vida dupla que realizam os significados na consciência individual, que se diferenciam em significados sociais e dos sentidos pessoais. Na sua expressão individual como sentidos pessoais, os significados adquirem um caráter subjetivo especial: se personificam, se individualizam, vez que interpretados por características concretas do indivíduo, tomados nas suas relações sociais, na sua vida e atividade particular. Neste sentido é que Leontiev (2005b, 1978/2021) afirma que os sentidos pessoais refletem na consciência os motivos da atividade, traduzindo a relação dos motivos com os seus fins, enquanto expressão subjetiva da relação objetiva entre motivos-objetivos.

8

Assim como a origem da consciência decorre das transformações das relações de trabalho engendradas pelo desenvolvimento histórico da atividade produtiva humana, a separação entre seus formadores, os significados e sentidos na consciência individual também é tributária da divisão social do trabalho, do surgimento da propriedade privada e da divisão da sociedade em classes, processo histórico no qual se desfaz a fusão inicial entre os objetos refletidos na língua e na consciência e as necessidades humanas neles concretizadas (Leontiev, 1978/2021).

São, contudo, as contradições objetivas do modo de produção capitalista, marcada pelo desenvolvimento da propriedade privada e pela cisão entre trabalho concreto e abstrato que levam à ruptura antagônica que se produz entre significados e sentidos na consciência. Trata-se da desintegração da consciência humana, provocada pelos processos de alienação econômica, e se expressa na inadequação entre o sentido que a atividade adquire para o sujeito e sua produção, seu significado objetivo.

Uma vez apresentados os elementos que compõem a atividade humana e a consciência, bem como a relação interna entre eles em cada uma destas estruturas, é possível compreender a atividade como ponto decisivo e principal método de conhecimento científico do psiquismo humano, cuja marca principal é seu caráter consciente. Nas palavras do autor, “A tarefa da pesquisa psicológica consiste em, sem se limitar ao estudo de fenômenos e

⁸ Na condição de veículo dos significados, a linguagem é o instrumento humano fundamental que viabiliza a assimilação pelos indivíduos da experiência humana. É a forma mesma da sua consciência, condição e meio para o pensamento humano como forma de generalização consciente da realidade (Leontiev, 1978/2021).

processos que ocorrem na superfície da consciência, penetrar em sua estrutura interna” (Leontiev, 1978/2021, p. 35). Para tanto, diz ele, é fundamental que a consciência seja compreendida não como um campo de contemplação subjetiva, mas como um processo interno especial engendrado pelo movimento da atividade humana.

O reflexo psíquico consciente e inconsciente em Leontiev

Observando a concepção de Marx e Engels (1845/2007) acerca da formação histórica e social da consciência humana, Leontiev (1972/2009, 1978/2021) defende enfaticamente a posição de que a consciência não preexiste à atividade, não constitui uma condição natural do ser humano, senão que se forma e se desenvolve juntamente com a atividade prática do sujeito no mundo. Contrapõe-se, assim, às concepções psicológicas idealistas que postulam a primazia da consciência enquanto objeto de estudo, como se ela dotada fosse de uma “capacidade mística do cérebro humano de irradiar ‘a luz da consciência’” (Leontiev, 1978/2021, p. 54).

Ao contrário, diz o autor, a consciência, enquanto forma superior do reflexo psíquico, tipicamente humano forjou-se como tal no processo histórico de desenvolvimento do gênero humano, em seu processo de humanização: é no decurso do processo de transição da atividade adaptativa dos seres inferiores à atividade produtiva propriamente humana, que se coloca, ao mesmo tempo, a necessidade e condição de formação do reflexo psíquico consciente, como condição mesma para a realização do trabalho social. Trata-se da gênese da unidade atividade-consciência, ou seja, do caráter consciente da atividade humana (Leontiev, 1978/2004a).

Assim é que a consciência não se confunde com reflexo psíquico, tampouco com o psiquismo: “Foi necessário um século para nos livrarmos da identificação entre psíquico e consciente. [...] Um passo decisivo foi a confirmação da ideia acerca dos diferentes níveis de reflexo psíquico” (Leontiev, 1978/2021, p. 145). Isso porque, como exposto, o conceito de reflexo carrega a ideia de desenvolvimento, na medida em que existente nos mais variados seres, desde os animais inferiores, culminando no ser humano, expressando-se em cada um deles em níveis e formas diferentes. É apenas no ser humano, desenvolvido enquanto ser social, que o reflexo adquire sua forma mais complexa e superior: a qualidade consciente.

Tomando como base os estudos de Lênin, Leontiev (1978/2021) ressalta, porém, que o reflexo psíquico, compreendido como a imagem subjetiva da realidade objetiva, não opera como um reflexo mecânico-especular do mundo, mas possui caráter ativo, na medida em que é produzido subjetivamente pelo sujeito, mediado por complexos processos internos (afetivos, cognitivos, volitivos, mnemônicos, entre outros), os quais são sempre também determinados, não obstante, objetivamente, na atividade prática deste sujeito no mundo.

Da mesma forma, importa destacar a não identificação entre psiquismo e consciência. Enquanto a consciência é a forma superior de reflexo psíquico, tipicamente humana, Leontiev deixa claro que ela não é a única forma de reflexo existente no ser humano. Nas palavras do

autor: “Embora o reflexo consciente seja a principal e mais desenvolvida forma de reflexo da realidade no homem, não é, no entanto, a única que existe nele.” (Leontiev, 1978b, p. 86, tradução nossa). Ainda, no texto “Problemas Psicologicos del Carácter Consciente del Estudio”, o autor afirma que a consciência é a forma universal do reflexo psíquico do mundo, mas apenas no sentido de que todos os conteúdos percebidos podem vir a ser objeto da consciência, o que não significa que todo reflexo psíquico tem a forma consciente (Leontiev, 1978a, p. 191).

Tem-se, destarte, que, ainda que o reflexo psíquico do tipo consciente seja a forma principal, potencial, e mais elevada de reflexo no psiquismo humano, ela não é sua forma exclusiva, sendo ele dotado também de reflexos psíquicos inconscientes. O conteúdo inconsciente é aquele que, ainda que não reconhecido ou compreendido pelo sujeito, produz seu reflexo psíquico, mas apenas de uma forma especial. Isso porque a tomada de consciência constitui uma tarefa particular do psiquismo humano, psicologicamente rica, que perpassa pela apropriação dos significados sociais e formação de conceitos, bem como depende da relação do fenômeno refletido com a estrutura da atividade por ele realizada (Leontiev, 1978/2021).

Para Leontiev (1978b; 1978/2021), portanto, o que não é reconhecido pelo sujeito não é separado da consciência e não se opõe a ela, apenas demarca uma diferença de qualidade do reflexo no psiquismo. Nas palavras do autor:

Ao fixar o fato de que no homem existem duas formas de reflexos da realidade, a consciente e a inconsciente, é necessário enfatizar especialmente que essas duas formas estão relacionadas e ligadas entre si e passam de uma para a outra (Leontiev, 1978b, p. 86, tradução nossa).

Constata-se, assim, que a relação entre os conteúdos consciente e inconsciente é dinâmica e não antagônica, ou seja, representam uma unidade de contrários que não se opõem, mas se constituem e se transformam um em outro, conforme já observado pelos autores que investigaram o inconsciente na PHC (Aita, 2014; Martins, 2016; Silva, 2022).

Trata-se de uma concepção radicalmente diferente das concepções da psicologia profunda acerca do inconsciente, e mesmo oposta a elas, na medida em que supera a ideia da consciência e inconsciência como instâncias separadas, com conteúdo e modos de funcionamento próprios. Portanto, afasta a psicologia de uma compreensão do psiquismo subordinado a impulsos reprimidos, para compreendê-los em relação com as suas determinações histórico-sociais (Leontiev, 1975/2000, 1978b).

Asmolov (1981) afirma que a análise do domínio do inconsciente, no contexto da teoria da atividade proposta por Leontiev, sugere a caracterização de classes qualitativamente distintas de fenômenos, relacionados à função que cada um deles adquire na regulação da atividade. Neste mesmo sentido apontaram também Silva (2022) e Aita (2014) ao afirmarem

que os processos inconscientes não são homogêneos, mas dizem respeito a fenômenos diversos com características e procedências diferentes.

Nessa mesma direção, apresentaremos, a seguir, quatro classes de fenômenos abordados por Leontiev em suas obras, que remetem às formas inconscientes de manifestação do psiquismo, cuja sistematização, espera-se, poderá contribuir com o avanço no seu entendimento à luz da PHC. Ressaltamos que nossa investigação não possui pretensão taxativa acerca da descrição e análise dos processos inconscientes na obra do autor, bem como que a sistematização proposta buscou tão-somente sintetizar alguns achados obtidos no decorrer do presente estudo.

O campo da percepção e o campo da consciência: a estreiteza da consciência

O primeiro fenômeno diz respeito às formas de reflexo psíquico que, ainda que encontrem suporte no psiquismo consciente humano, não logram ser reconhecidas pelo sujeito, ou seja, não são tomadas conscientemente. Trata-se do fenômeno denominado por Leontiev (1978b, p. 87) de “estreiteza da consciência”: se refere aos objetos ou fenômenos que adentram o campo de percepção do sujeito e produzem seu reflexo psíquico, mas não são tomados pela consciência propriamente dita. Uma vez que o caráter consciente do reflexo não se confunde com a sua tomada de consciência, depreende-se que nem todos os conteúdos que são percebidos e adentram o psiquismo são efetivamente (re)conhecidos ou desvelados pelo sujeito.

Para Leontiev (1978b), assim, a percepção nem sempre está vinculada com a tomada de consciência, pois, de fato, o campo dos fenômenos tornados conscientes pelo sujeito é muito reduzido diante do campo de fenômenos por ele percebido. Nas palavras do autor,

Diante do homem que percebe, o mundo abre um amplo quadro, uma imagem consciente, complicada e única, do que o cerca. No entanto, o círculo de objetos que o homem faz um ato de consciência em um determinado momento é muito pequeno (Leontiev, 1978b, p. 87, tradução nossa).

O campo da percepção integra o que Leontiev (1979/2004b) define como o problema da psicologia da imagem do mundo, uma vez que é esta função psicológica que realiza a “extração” da realidade objetiva sobre a qual se forma a imagem subjetiva do mundo. Segundo o autor, este campo não deve ser negligenciado como objeto de investigação psicológica, uma vez que compõe uma ampla gama de reflexos psíquicos, e exerce, mesmo que na condição de inconscientes, influência sobre o comportamento e a atividade humana. Conforme o autor:

[...] pode-se dizer que, ao impulsionar e orientar a atividade do sujeito, a imagem subjetiva da realidade pode, ao mesmo tempo, não “apresentar-se” diante dele. O

campo do “não presente” na psique do homem é muito vasto, o que torna, dito seja de passagem, totalmente sem vida e falsa toda psicologia que limite seu objeto de estudo só aos fenômenos acessíveis à introspecção (Leontiev, 1978a, p. 192, tradução nossa).

Leontiev (1978b) explica esta forma de reflexo inconsciente com o exemplo de uma pessoa que caminha pela rua conversando com um colega: ao fazê-lo, ela não toma consciência de todos os movimentos ao seu redor, não assimila os conteúdos expostos nas vitrines, não se dá conta das pessoas que cruzam seu caminho. Não obstante, seus movimentos estão influenciados por tais objetos, de forma que consegue regular sua atividade para não se chocar com outros passantes ou cair no meio-fio. Isto significa que tais objetos são por ele refletidos, mas apenas de forma inconsciente.

O que é percebido, mas não compreendido pelo sujeito (tornado consciente), compõe o seu campo fenomênico, cujo conteúdo é formado por imagens objetais “não significativas” para ele. Traduzem assim os conteúdos objetais percebidos pelo tecido sensorial que não são, contudo, significados pelo sujeito e, por isso, não se tornam conscientes. Segundo o autor, o conteúdo sensorial da consciência se revela ao sujeito como um “campo objetivo” ou objeto de atividade que não são tornados, necessariamente, conscientes (Leontiev, 2005b, p. 15).

Isso porque, diz Leontiev (2005b), por mais fundamental que possa ser o tecido sensorial para a formação da consciência, sem o qual não se produz a imagem subjetiva, apenas com a percepção fenomênica dos conteúdos objetais, sem sua significação, é impossível ao sujeito refletir uma imagem do mundo que seja consciente. Segundo o autor, para que se tornem conscientes, é necessário que o conteúdo sensorial adquira uma nova qualidade, pois “o quadro do mundo se completa com significações” (Leontiev, 1979/2004b, p. 61).

Nesse sentido, tomar consciência dos fenômenos é refleti-los pelo prisma das significações que o indivíduo possui. Leontiev (1978b) explica que este processo pode ser analisado pelas particularidades funcionais do córtex cerebral: sabe-se que no córtex se manifestam reações dominantes, cuja excitabilidade é ótima; e outras que desempenham papel de fundo, uma vez que recaem sobre pontos inibidos do córtex como resultado de uma indução negativa. Trata-se de diferentes níveis de reflexo psíquico, que conformam qualquer processo complexo, sendo que os dominantes são justamente aqueles que encontram sua resposta verbal, logrando formar a reflexão consciente dos objetos percebidos.

Por sua vez, a definição do nível alcançado pelo reflexo no psiquismo – ou seja, se tomará forma dominante, sendo significado, ou, ao contrário, se restará inibido – possui estreita relação com a estrutura da atividade do sujeito. Segundo Leontiev (1978a), para que o conteúdo percebido se torne consciente é necessário que ocupe na atividade o lugar estrutural de fim imediato da ação e entre, desse modo, na relação correspondente com o motivo desta atividade. Não por outro motivo, diz ele, sabe-se que o único modo de reter algum conteúdo como objeto da consciência é pela atuação em relação a este conteúdo. Caso

contrário, ele logo deixa o seu campo da consciência. Assim é que, para Leontiev (1978a), a transformação do conteúdo percebido inconscientemente em conteúdo consciente, e vice-versa, depende da mudança de lugar que este ocupa na estrutura da atividade do sujeito (Leontiev, 1978a, p. 194).

No exemplo acima mencionado, basta que a pessoa que transita pela rua aviste entre os passantes um conhecido seu, para que esta impressão se faça imediatamente consciente a ele (Leontiev, 1978b). Silva (2022) menciona que o próprio fato do indivíduo questionar-se sobre algo que não compreende já é capaz de colocar o fenômeno como objeto da sua consciência, ainda que possa não conhecer a totalidade de suas peculiaridades.

Constata-se assim que é possível que qualquer conteúdo se desloque do campo da percepção para o campo da consciência sempre que ao sujeito se apresente alguma anormalidade ou distorção na realidade percebida, que force doravante a mudança de qualidade do seu reflexo em razão da alteração do lugar ocupado pelo objeto refletido na estrutura da atividade realizada. Por conseguinte, o contrário, ou seja, o deslocamento de objetos do campo da consciência para o campo da percepção, também é possível mediante as condições inversas, pelo que passam então a não serem mais conscientes ao sujeito.

A estrutura da atividade e os motivos inconscientes

O segundo fenômeno se refere aos motivos inconscientes. Conforme visto, para Leontiev (1978a) o grau de consciência de um fenômeno depende diretamente do lugar de seu reflexo na estrutura da atividade, sendo que só se toma consciência verdadeiramente daquilo que entra na atividade como objeto de uma ação, como seu fim imediato.

É, portanto, a compreensão subjetiva da relação objetiva entre motivos-objetivos que traduz o processo de tomada de consciência de um fenômeno (Leontiev, 1978/2021). Sobre a relação entre motivos e objetivos, Leontiev (1978/2021) destaca que a separação da atividade em ações parciais que a compõem, decorrente da formação histórica da divisão técnica do trabalho, levou a uma ruptura entre as funções da ação antes unificadas no motivo: enquanto a função de impulso das ações se mantém subordinada aos motivos da atividade que realiza o objetivo geral, a função de orientação se dá por objetivos-fim próprios.

Uma importante questão psicológica aí colocada se refere à formação do objetivo, processo este que não ocorre de forma arbitrária ou automática, diz ele, mas é dado pelas circunstâncias objetivas: os objetivos não são inventados pelo sujeito, a separação dos objetivos dos motivos e sua tomada de consciência é um processo relativamente prolongado de verificação da satisfação dos objetivos pelas ações. É desta forma que, para o sujeito, a tomada de consciência é a tarefa colocada para a conquista de objetivos concretos como modo de afirmação da sua própria vida, de satisfação e desenvolvimento de suas necessidades materiais ou ideais, transformadas em motivos da sua atividade (Leontiev, 1978/2021).

Leontiev (1978/2021) afirma que é característico de um nível de desenvolvimento mais elevado do psiquismo que o papel do objetivo geral seja desempenhado por um motivo

consciente. Porém, a condição de alienação das relações de trabalho típica da sociedade de classes produz a não coincidência entre os motivos da atividade e os objetivos que a realizam, implicando com frequência na geração de motivos inconscientes ao sujeito. Segundo o autor, “à diferença dos objetivos, o sujeito não toma consciência realmente dos motivos: quando executamos determinadas ações, não nos damos conta dos motivos que as estimularam” (Leontiev, 1978/2021, p. 218).

Como já assinalado, Leontiev (2005b, 1978/2021) explica que, enquanto os objetivos da ação realizam sempre um fim consciente para o sujeito, os motivos da atividade podem ser ocultos. De modo que uma atividade aparentemente imotivada revela apenas que o motivo não é consciente. Ainda que o sujeito com frequência seja capaz de citar as motivações envolvidas na sua atividade, ele raramente tem compreensão dos motivos reais que o orientam. Para o autor, ao analisar os motivos de uma atividade, encontra-se uma “enorme classe de motivos que não estão realmente conscientes – uma maioria – e um círculo estreito de motivos que estão realmente conscientes” (Leontiev, 1975/2000, p. 454).

Leontiev (2005b, 1978/2021) é enfático ao afirmar, contudo, que mesmo quando inconscientes, os motivos encontram seu reflexo no psiquismo e produzem efeitos sobre a vida do sujeito. Nas palavras do autor,

O fato de haver motivos não conscientes não expressa de modo algum um princípio especial, oculto nas profundezas do psiquismo. Os motivos não conscientes têm a mesma determinação que qualquer reflexo psíquico: a vida real, a atividade da pessoa no mundo objetivo. O consciente e o não consciente não se contrapõem entre si; são apenas formas e níveis diferentes de reflexo psíquico que encontram forte correspondência com o lugar que o que é refletido ocupa na estrutura da atividade, no movimento de seu sistema (Leontiev, 1978/2021, p. 221).

14

E confirma ainda sua compreensão sobre os motivos inconscientes em outra passagem:

Os motivos, contudo, não são separados da consciência. Mesmo quando não se toma consciência deles, ou seja, quando a pessoa não se dá conta daquilo que a leva a realizar tais ou quais ações, elas ainda assim encontram seu reflexo psíquico, mas de uma forma especial, isto é, na forma de um colorido emocional da ação (Leontiev, 1978/2021, p. 219).

Trata-se do paradoxo dos motivos na consciência: Leontiev (1978/2021) esclarece que o conteúdo objetal dos motivos é sempre percebido pelo sujeito de uma forma ou de outra, sempre se revelam à sua consciência objetivamente. Subjetivamente, contudo, os motivos podem aparecer ao sujeito na forma somente de uma expressão indireta de uma vivência

emocional, como um desejo, uma vontade ou anseio, que desempenham a função de avaliar o significado vital das circunstâncias objetivas de suas ações.

É neste sentido que o autor afirma que pode ser indiferente se o sujeito toma ou não consciência dos motivos, na medida em que estes são sinalizados na forma de vivências emocionais e cumprem, desta forma, sua função na consciência: a de indicar internamente para o sujeito quando sua necessidade é satisfeita; guiar a atividade do sujeito na direção do objeto, mesmo quando oculto para ele os motivos. Não obstante, Leontiev (1961/2017) sinaliza, também, que conhecer os motivos da atividade auxilia na regulação da ação pelo sujeito, na avaliação da esfera motivacional na sua vida e na produção de sentido de seus atos (Leontiev, 1961/2017).

Tomar consciência dos motivos, para o autor, configura uma tarefa complexa, que requer um trabalho interno de desvelamento do sentido da ação. Por isso, diz Leontiev (1978/2021), é necessário realizá-la “de fora”, analisando objetivamente a estrutura da atividade do sujeito, de forma que se possa compreender o sentido da sua atividade, revelador do seu motivo. Neste sentido, as vivências emocionais erigidas como manifestações indiretas do motivo na consciência servem como mediadoras desta tarefa.

Em síntese, o psiquismo humano é repleto de reflexos inconscientes, que podem ser conscientizados na medida em que adentram o lugar de fim da ação, em relação adequada aos motivos que impulsionam sua atividade. Para isso, é necessário que o sujeito tome consciência dos motivos que lhe estejam ocultos, os quais, a despeito desta qualidade, encontram seu reflexo psíquico e produzem efeitos práticos na vida do sujeito mediante sua manifestação subjetiva como vivências emocionais.

15

Operações e automatizações

As operações e automatizações compõem a terceira esfera de fenômenos que se relacionam com processos inconscientes na teoria de Leontiev. Se o grau de consciência do reflexo psíquico está relacionado com o lugar que ocupa na estrutura da atividade psicofísica humana, as operações são os componentes que exigem menor nível de consciência para sua realização.

Como já descrito, as operações são as formas e condições nas quais uma ação se realiza. Trata-se do aspecto operacional da ação, do modo como seu objetivo poderá ser alcançado tendo em vista as condições objetivas apresentadas ao sujeito. Em última instância, diz Leontiev (1978a, 1978/2021), é nas operações que se cristalizam as formas de trabalho historicamente elaboradas; nelas se fixam os instrumentos como objetos sociais acumulados historicamente, que podem assim ser apropriados pelo sujeito. Por isso, diz o autor, que a maioria das operações na atividade do homem são resultado da aprendizagem, de modos de ação socialmente elaborados e dominados por cada indivíduo (Leontiev, 1978a).

Enquanto formas e condições da ação, as operações tendem a exigir um menor grau de consciência uma vez que não possuem um objetivo destacado, ao contrário do que ocorre

com as ações. E, por isso, podem ser realizadas de forma mecânica e automatizada pelo sujeito no decurso da sua atividade, como se não estivessem “presentes” ativamente em sua consciência. Essa qualidade das operações encontra sua justificativa no próprio processo de sua formação (Leontiev, 1978/2021).

Leontiev (1978a) apresenta uma diferenciação entre dois tipos de operações, de acordo com a sua gênese: a operação consciente, que pode ser controlada pela consciência; e a operação “imitativa”, que não pode ser controlada conscientemente. As primeiras têm sua origem na transformação de uma ação em operação, ou seja, aquelas que no passado ocuparam o lugar de uma ação orientada a um fim e que em seguida entraram na composição de outra ação, convertendo-se em condição de sua realização.

As operações conscientes, afirma o autor, não são totalmente conscientes, não são imediatamente apreendidas pela introspecção, posto que não ocupam mais o lugar de fim de uma ação consciente. Todavia, podem vir a ser conscientemente *controladas*, ou seja, podem ser eventualmente “reconhecidas” na consciência, uma vez que já ocuparam no passado este lugar. Segundo Leontiev,

A ação e o seu fim, quando entram na composição de outra ação, não se “apresentam” diretamente na consciência. Isto não significa que deixem de ser conscientes. Ocupam apenas outro lugar na consciência; são igualmente, por assim dizer, controlados, conscientemente, o que significa que, em certas condições *podem* ser conscientes (Leontiev, 1978/2004a, p. 111).

16

Leontiev (1978a) esclarece que, em termos neurológicos, o processo de formação das operações conscientes ocorre, em um primeiro momento, em níveis superiores de reflexo, dada à sua origem nas ações conscientes. Somente depois são rebaixadas a um nível inferior – à diferença das operações imitativas, que se formam desde o início já em níveis inferiores de reflexo. Disso decorre o dinamismo particular das operações conscientes, que consiste na sua capacidade de serem conscientemente controladas, ou seja, em alguns momentos, capazes de apresentarem-se à níveis de reflexos mais elevados, mas também, em outros momentos, rebaixarem-se à níveis inferiores, permanecendo ocultas à consciência (Leontiev, 1978a).

Essa característica das operações conscientes revela o fato de que elas não integram o conteúdo real da consciência; e nem precisam, diz Leontiev (1978a), sob pena de sobrecarga da consciência. Sua particularidade reside na habilidade de apresentar-se à consciência no momento adequado conforme a conveniência para o sujeito – de outra forma, ressalta o autor, seria impossível a realização de atividades muito complexas (Leontiev, 1978a).

Quanto ao segundo tipo de operações, as operações “imitativas”, Leontiev (1978a) afirma que estas surgem do “amoldamento” da ação às condições objetivas ou mesmo por simples imitação. Por serem originadas de uma atividade meramente adaptativa da atividade, ou seja, mediante amoldamento ou imitação das condições que realizam a ação, sem ter antes

ocupado lugar de fim consciente desta ação, as operações “imitativas” são, de fato, inconscientes ao sujeito. Sequer podem ser reconhecidas ou apresentadas à consciência, na medida em que são desconhecidas por ele (Leontiev, 1978a).

Tais operações apenas podem vir a se tornar controláveis pela consciência, tal como as operações conscientes, caso realizem o mesmo movimento produzido por estas últimas: devem, num primeiro momento, passar a ocupar o lugar estrutural de fim de uma ação, pelo qual se tornam conscientes. Em seguida, agora como ação, devem subordinar-se a uma outra ação diferente, ou seja, devem se tornar condições de realização desta nova ação, de forma a transformarem-se de ação novamente em operação (operação da nova ação). Por fim, e apenas então, poderão ser controladas pela consciência, de modo que poderão ser apresentadas à consciência conforme a necessidade e conveniência do sujeito na realização de alguma atividade, tal como as operações conscientes (Leontiev, 1978a).

Neste sentido, Leontiev (1978a) aponta que as operações, além de distintas por sua gênese, também apresentam particularidades objetivas. Enquanto as operações conscientes se distinguem por serem mais plásticas à consciência, mais suscetíveis de serem modificadas conforme a vontade do sujeito; as operações que têm origem na adaptação implicam inevitavelmente em uma maior lentidão e torpeza, isto é, são insuficientemente dirigidas pelo sujeito, porque inaptas de serem controladas conscientemente.

Percebe-se do exposto que as operações compõem o elemento da atividade que exige menor grau de consciência na sua realização. Podem ser apenas controláveis pela consciência, sem compor o conteúdo real desta, ou, ainda, completamente inconscientes. O nível de consciência das operações depende diretamente da via pela qual se originam, conforme o aponta o autor: “A relação do “que aparece como reconhecido” e o que não chegou a ser consciente não faz mais que reproduzir a relação das operações que nascem como ações e aquelas que são produto de uma adaptação inconsciente” (Leontiev, 1978a, p. 209, tradução nossa).

Leontiev (1978a) conclui, assim, que também no que concerne às operações, a diferença objetiva do lugar estrutural que o conteúdo ocupa na atividade é decisiva para sua determinação como conteúdo consciente (ou que pode ser controlado pela consciência) ou inconsciente.

A relação entre sentidos e significados: os problemas de consciência

A última classe de fenômenos, que consideramos potencialmente relacionados com os processos psíquicos inconscientes, na teoria de Leontiev, é a relação entre sentidos e significados. Para Leontiev (1978/2004a), a consciência se revela psicologicamente como um sistema de sentidos, e as particularidades de sua estrutura se revela na relação entre sentidos e significados, ou seja, é a relação interna entre sentidos e significados que caracteriza o reflexo psíquico consciente (Leontiev, 1978a).

O autor (1978/2004a) esclarece que, enquanto o plano dos significados refrata o mundo objetivo para o sujeito, ele próprio não é conscientizado: é nesse sentido que os significados formam o plano “oculto” da consciência, pois refletem o amplo campo dos objetos e representações reais “indiferentes” para ele. Os quais podem ser por ele assimilados se (e apenas se) refletidos na sua consciência individual, na relação com os motivos da sua atividade, adquirindo um sentido pessoal (Leontiev, 1978/2021).

Por isso, os significados oportunizam a tomada de consciência, vez que exprimem toda a riqueza da experiência humana acumulada – podendo até mesmo exprimir conteúdos da realidade distorcidos ou fantasiosos –, através da qual se reflete a vida do sujeito. Ao mesmo tempo em que os significados limitam a tomada de consciência, caso o sistema objetivo de significações do qual o sujeito se apropriou seja restrito ou inadequado às suas vivências. De forma que, para o autor, “o homem que percebe e pensa o mundo enquanto ser sócio-histórico, está ao mesmo tempo armado e limitado pelas representações e conhecimentos de sua época e da sua sociedade” (Leontiev, 1978/2004a, p. 101).

Mediados pelo campo das significações objetivas é que os sentidos demarcam a parcialidade da consciência; realizam o recorte dos conteúdos reais existentes (os significados), que são efetivamente incorporados à sua consciência como conhecidos (como sentidos pessoais), pois relacionados à sua vida prática e aos motivos de sua atividade. Os sentidos pessoais indicam a intencionalidade da consciência de cada sujeito particular e se manifestam como mecanismo de tomada de consciência frente aos conteúdos indiferentes a ele. É o sentido, portanto, que distingue o caráter verdadeiramente consciente dos conteúdos refletidos.

Dado que não é possível se falar em um sentido “puro”, pois o sentido é sempre sentido de algo, tem-se que o sentido toma parte dos (integra os) significados. Todavia, é preciso esclarecer, conforme Leontiev (1978/2004a), que o sentido se reflete não nas próprias significações, mas por seu intermédio, ou seja, é o sentido que se concretiza nos significados (como os motivos nos fins) e não o significado no sentido.

Na medida em que o sujeito, tomado individualmente, não possui linguagem própria, não dispõe de um sistema de significados individuais, os sentidos pessoais se expressam por meio dos significados sociais que já assimilou. Isso não significa que o sujeito é passivo neste processo, que esteja restrito a uma “vitrine” de significados sociais, devendo escolher aqueles que formarão os sentidos pessoais: esta relação se produz nas suas relações sociais e representa o verdadeiro processo de luta pela tomada de consciência (Leontiev, 1978/2021).

Leontiev (1978/2021) problematiza, assim, as análises que compreendem os sentidos pessoais apenas como uma projeção mais ou menos integral dos significados na consciência individual. Ainda que sentidos e significados estejam intrinsecamente ligados um ao outro, importa considerar que ambos possuem raízes distintas, de modo que para o autor o sentido não está contido potencialmente no significado e não é engendrado por ele, mas pela vida, sendo a vida singular do sujeito que determina o sentido particular de uma dada significação socialmente estabelecida (Leontiev, 1978a).

É esta relação entre os significados e os sentidos no psiquismo humano que demarca toda a dramaticidade do movimento interno da consciência individual: tal como a vida humana não se encarna completamente nas relações sociais, os sentidos pessoais produzidos na atividade do sujeito podem não se encarnar, ou se encarnar de forma parcial ou inautêntica nas significações que refletem estas relações estranhas à vida. Trata-se do que Leontiev (1978/2004a) denomina de *problemas da consciência*: a incongruência entre sentidos e significados na consciência não se revela diretamente ao sujeito, não são conscientes a ele, mas se expressam como uma luta interna:

O fato do sentido e as significações serem estranhas umas às outras é dissimulado ao homem na sua consciência, não existe para a sua introspecção. Revela-se-lhe todavia, mas sob a forma de processo de luta interior aquilo a que se chama correntemente as contradições da consciência, ou melhor, os problemas de consciência (Leontiev, 1978/2004a, p. 136).

Leontiev (1978/2004a) destaca que os sentidos pessoais produzidos nestas condições são inconscientes ao sujeito, lhe aparecem apenas na forma de instinto – nem por isso, alerta o autor, deixam de se realizarem na sua vida prática. Nas suas palavras: “como vimos várias vezes, um sentido não encarnado nas significações não é ainda consciente para o homem, não é ainda “sentido para ele” (Leontiev, 1978/2004a, p. 138).

19

A verdadeira natureza dos problemas da consciência, diz Leontiev (1978/2004a), são as contradições do conteúdo da própria vida humana. Quando os conceitos e ideias encontrados pelo sujeito nas suas relações vitais estão de acordo com a sua experiência direta, eles são assimilados e adentram sua consciência, tornando-se sentidos pessoais conscientes. Do contrário, são estranhos e permanecem inconscientes ao sujeito.

Esta condição explica também o fenômeno chamado por Leontiev (1978a) de “inércia da consciência”, que assinala uma espécie de atraso relativo da consciência nos casos de modificação das condições de vida do sujeito. Em outras palavras, quando a experiência pessoal, a atividade ou as condições de sua vida concreta são alteradas, a realidade se apresenta ao sujeito de outra maneira, exigindo novos conceitos para refleti-los verdadeiramente; porém o sujeito conserva ainda no seu córtex um sistema de representações antigos, que não são mais confirmados pela nova experiência. Este é, segundo Leontiev (1978a), o atraso relativo da consciência nos casos de modificação da vida; ou seja, um momento de passagem no qual a consciência se rege por sentidos inconscientes, posto que não fora desenvolvido ainda um novo sistema de significados que dê conta de refletir suas novas relações reais.

Leontiev (1978/2021) destaca que os problemas de consciência se revelam de forma mais crua nas condições da sociedade de classes, adquirindo a forma de luta ideológica, vez que nesta sociedade, conforme visto, a alienação se manifesta pela verdadeira oposição entre sentidos e significados. Nessas condições históricas, diz Leontiev (2004), as significações

incorporam hegemonicamente as representações que traduzem a ideologia dominante, as quais são inevitavelmente alheias à vida prática dos homens – não apenas dos trabalhadores, mas de todas as classes sociais.

Tal é a imperfeição da consciência, conforme nomeia Leontiev (1978/2004a), tornada doravante consciência de classe: demarca a desintegração da consciência dos homens, podendo se converter em formas de vida estereotipadas e levar, em suas últimas consequências, à sua devastação psicológica. Diante deste conflito, coloca-se para o sujeito a necessidade de produção de novos significados objetivos da realidade que sejam mais adequados, mas exige ainda, necessariamente, a superação das contradições objetivas da vida produzidas no seio das relações sociais alienadas, ou seja, pela superação das contradições inerentes ao modo de produção capitalista em direção a uma sociedade sem classes sociais (Leontiev, 1978/2021).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar de não abordar de forma destacada os processos psíquicos inconscientes, concluímos que Leontiev não deixou de abordá-los, tendo deixado importantes contribuições para a compreensão do tema, especialmente considerando-se as formulações de sua teoria da atividade, no bojo da qual podem ser analisados e compreendidos os tipos de reflexo que conformam o psiquismo humano. Para Leontiev, as formas de manifestação dos reflexos inconsciente são inúmeras, de variados tipos e quantitativamente predominantes no psiquismo humano e são, além disso, influentes e determinantes na atividade e comportamento humanos, pelo que não devem ser ignoradas pela ciência psicológica.

Tendo em vista a relação dinâmica entre os processos conscientes e inconscientes, compreende-se que, para Leontiev, o que é inconsciente não é destacado da consciência: a consciência, como forma de reflexo psíquico universal humano, engloba também os reflexos de tipo inconsciente. O que é inconsciente, assim, abarca os objetos e processos que não são reconhecidos pelo sujeito, mas que encontram, não obstante, seu reflexo no psiquismo, ainda que de modo particular, seja na forma de um campo “fenomênico” indiferenciado, de uma operação automatizada, de uma vivência emocional que se expressa como uma tendência ou um desejo, ou mesmo como uma luta interna.

Neste sentido, verificou-se que os reflexos psíquicos inconscientes, tal como abordados por Leontiev, possuem origens e formações diferentes que podem ser relacionadas a processos ou classes de fenômenos heterogêneos. Uma característica que parece ser compartilhada entre as diferentes formas de reflexo inconsciente é a relação entre o lugar do objeto refletido na estrutura da atividade e o nível de consciência/inconsciência por ele adquirido. Da sistematização apresentada, constatou-se que o reflexo psíquico é mais consciente na medida em que reflete objetos que ocupam ou já ocuparam o lugar estrutural de fim de uma ação, e mais inconsciente na medida em que o refletido se deslocou deste lugar

ou que se desfez subjetivamente para o sujeito a relação objetiva entre os motivos e objetivos da atividade, perdendo progressivamente sua qualidade consciente.

Confirmou-se assim a centralidade da categoria da atividade na teoria de Leontiev para a compreensão do psiquismo e para a própria análise da qualidade do reflexo psíquico nele formado. Compreendendo que a estrutura da atividade é dinâmica e composta por elementos que gozam de relativa independência, compreende-se que é o movimento desta estrutura e de seus elementos que mobiliza a própria dinâmica consciente/inconsciente do psiquismo, regulando, neste movimento, o *continuum* da consciência.

A temática de inconsciente, apesar de ainda pouco investigada no âmbito da PHC, demarca um objeto de estudo relevante para a psicologia revelando-se fundamental a sua investigação a partir do referencial teórico-metodológico do materialismo histórico-dialético, de maneira que seja possível abordá-los e explicá-los à luz da natureza social e histórica do psiquismo. A investigação do inconsciente na perspectiva histórico-cultural possibilita assim compreender as reais determinações da dinâmica no psiquismo humano, permitindo a análise dos processos conscientes e inconscientes como unidade de contrários, nas suas vinculações reais com a vida dos sujeitos.

Neste sentido aponta-se as limitações da presente pesquisa, cujos resultados buscaram apresentar algumas classes de fenômenos consideradas mais evidentes aos autores na sua relação com processos inconscientes a partir da obra de Leontiev. Destacamos assim a importância de ulteriores pesquisas que possam aprofundar a investigação da temática do inconsciente a partir da teoria de Leontiev, em particular, e da PHC, de modo geral, avançando com os resultados ora alcançados. Indica-se, desde já, a relevância e potência de futuros estudos que possam investigar possíveis vinculações entre as classes de fenômenos apresentadas e outras importantes categorias e temas psicológicos, tais como a relação entre os processos psíquicos inconscientes e os fenômenos da alienação, sua vinculação com a categoria ideologia, a influência de tais processos no desenvolvimento das funções psicológicas superiores e da personalidade.

21

REFERÊNCIAS

Aita, E. B. (2014). *O conceito de inconsciente para L. S. Vigotski: primeiras aproximações*. [Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual de Maringá]. <http://www.ppi.uem.br/arquivos-para-links/teses-e-dissertacoes/2014/elis>.

Asmolov, A. G. (1981). Classification of unconscious phenomena and the category of activity. *Soviet Psychology*, 19(3), 29-45. <https://psycnet.apa.org/record/1982-12086-001>

Golder, M. (Org.). (2004). *Leontiev e a psicologia histórico-cultural: um homem em seu tempo*. Xamã.

Rossler, J. H., & Santos, M. A. R. (2025). O inconsciente nas obras de A. N. Leontiev. *PLURAL – Revista de Psicologia UNESP Bauru*, 5, e025003.

Leontiev, A. N. (1978a). *Actividad, consciencia y personalidad*. Ciencias del Hombre.

Leontiev, A. N. (1978b). Desarrollo de la psiquis. La consciencia humana. In A. A. Smirnov, (Coord.), A. N. Leontiev, S. L. Rubinshtein & B. M. Tieplov, *Psicologia* (pp. 74-94). Grijalbo.

Leontiev, A. N. (2000). A função formadora de sentido do motivo. *Lektsii po obshchey psikhologii: Ucheb. posobiye dlya vuzov po spets. "Psikhologiya" [Palestra sobre Psicologia Geral: livro-texto para instituições de ensino superior de psicologia]*, 449-460. (B. Bianchi. Trad.). (Trabalho original publicado em 1975)

Leontiev, A. N. (2004a). *O desenvolvimento do psiquismo*. Centauro. (Trabalho original publicado em 1978)

Leontiev, A. N. (2004b). A imagem do mundo. In M. Golder (Org.), *Leontiev e a psicologia histórico-cultural: um homem em seu tempo* (pp. 47-64). Xamã. (Trabalho original publicado em 1979)

Leontiev, A. N. (2005a). Lecture 13. Language and Consciousness. *Journal of Russian & East European Psychology*, 43(5), 5–13. <https://doi.org/10.1080/10610405.2005.11059267>

22

Leontiev, A. N. (2005b). Lecture 14. The Structure of Consciousness: Sensory Fabric, Meaning, Personal Sense. *Journal of Russian & East European Psychology*, 43(5), 14–24. <https://doi.org/10.1080/10610405.2005.11059262>

Leontiev, A. N. (2005c). The Fundamental Processes of Mental Life. *Journal of Russian & East European Psychology*, 43(4), 72–75. <https://doi.org/10.1080/10610405.2005.11059259>

Leontiev, A. N. (2005d). The Genesis of Activity. *Journal of Russian & East European Psychology*, 43(4), 58–71. <https://doi.org/10.1080/10610405.2005.11059253>

Leontiev, A. N. (2009). La importancia del concepto de actividad objetal para la psicología. In Rojas, L. Q., & Solovieva, Y. *Las funciones psicológicas en el desarrollo del niño* (pp. 54-63). Trillas. (Trabalho original publicado em 1972)

Leontiev, A. N. (2017). As necessidades e os motivos da atividade. In A. M. Longarezi & R. V. Puentes (Orgs.). *Ensino desenvolvimental: antologia livro 1* (pp. 39-57). EDUFU. (Trabalho original publicado em 1961)

Leontiev, A. N. (2021). *Atividade, consciência e personalidade*. Mireveja. (Trabalho original publicado em 1978)

Longarezi, A. M., & Puentes, R. V. (Orgs.). (2013). *Ensino desenvolvimental: vida, pensamento e obra dos principais representantes russos*. EDUFU.

Martins, L. M. (2016). A dinâmica consciente/inconsciente à luz da psicologia histórico-cultural. *Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação*, 11(2), 679-689. <https://doi.org/10.21723/RIAAE.v11.n2.p678>.

Marx, K., & Engels, F. (2007). *A ideologia alemã*. Boitempo. (Trabalho original publicado em 1845)

Pessanha, P. H. C. (2015). *O inconsciente na psicologia histórico-cultural de Vigotski: um estudo conceitual*. [Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de São João Del-Rei]. https://sucupira-legado.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=3287422#

Santos, L. G. (2015). *Inconsciente: uma reflexão desde a psicologia de Vigotski*. [Tese de Doutorado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo]. <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/17136>.

Silva, F. G. (2022). *Inconsciente e adoecimento psíquico na psicologia soviética*. Appris.

Silva, R. L. (2022). *Leontiev e a Natureza Social do Psiquismo*. Dialética.

Recebido em: 17/03/2025

Reapresentado em: 15/08/2025

Aprovado em: 19/08/2025

SOBRE OS AUTORES

Mariana Abram Rocha dos Santos é graduada em Direito pela Universidade Federal do Paraná. Graduada em Psicologia pela Universidade Federal do Paraná. Pós-graduanda em Gestão em Saúde Pública pela Universidade Estadual de Maringá, membro do Laboratório de Psicologia Histórico- Cultural (LAPSIHC - UFPR).

João Henrique Rossler é graduado em Psicologia e Doutor em Educação Escolar pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp). É Professor Titular do

Rossler, J. H., & Santos, M. A. R. (2025). O inconsciente nas obras de A. N. Leontiev. *PLURAL – Revista de Psicologia UNESP Bauru*, 5, e025003.

Departamento de Psicologia da Universidade Federal do Paraná (UFPR), membro do Laboratório de Psicologia Histórico- Cultural (LAPSIHC - UFPR) e pesquisador do Grupo de Pesquisa "Estudos Marxistas em Educação" (Unesp).